

O Teatro no Território Federal do Amapá: contextos sociais, políticos e culturais (1940-1950)

Frederico de Carvalho Ferreira

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar discussões sobre a história do teatro no Amapá, presentes na pesquisa de doutoramento¹, em andamento, preliminarmente intitulada: “Cine Teatro Territorial de Macapá: confluências culturais em meados do século XX”, desenvolvido no PPGARTES-UFPA. Nesse contexto, apresenta-se parte da história e dos conflitos, pontuais e adjacentes, em torno da construção do Território Federal do Amapá (TFA) para a compreensão de sua formação social, política, cultural e identitária no período 1940-1950, a partir do teatro e outras manifestações artísticas que tangenciaram o Cine Teatro Territorial de Macapá. Dessa maneira, destaca-se a importância do olhar crítico sobre o teatro e outras manifestações artísticas no TFA, 1940-1950, por se tratar de um período de inúmeras transformações sociais, políticas e culturais, como mecanismo de fomento para a discussão de outros vieses e consequente crescimento do Teatro no/do Norte e no/do Brasil.

Palavras-chave: Teatro no Amapá; Historiografia Teatral Amazônica; Cine Teatro Territorial de Macapá.

Theater in the Federal Territory of Amapá: social, political and cultural contexts (1940-1950)

Abstract

This article aims to present discussions about the history of theater in Amapá, present in the ongoing PhD research, preliminarily entitled: “Macapá Territorial Theater Cine: cultural confluences in the middle of the 20th century”, developed at PPGARTES-UFPA. In this context, part of the history and conflicts, punctual and adjacent, around the construction of the Federal Territory of Amapá (TFA) for the understanding of its social, political, cultural and identity formation in the 1940-1950 period, from the theater and other artistic manifestations that touched the Macapá Territorial Theater Cine. In this way, the importance of a critical eye on the theater and other artistic manifestations at TFA, 1940-1950, is highlighted, as it is a period of innumerable social, political and cultural transformations, as a mechanism for fostering the discussion of other biases and consequent growth of the Theater in / in the North and / in Brazil.

Keywords: Amapá Theater; Amazonian Theater Historiography; Macapá Territorial Theater Cine.

¹ Tal projeto integra, ainda, pesquisas realizadas pelo Grupo de Pesquisa PERAU - Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia - UFPA/CNPq, sob orientação do Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra, que busca realizar trabalhos com a história e historiografia das artes cênicas na/da Amazônia.

Introdução

A historiografia teatral brasileira mantém-se atrelada a um espaço geográfico bem reduzido, se comparado às dimensões sociais e culturais do país. Ao longo dos estudos historiográficos nacionais é possível perceber a intensa aproximação do fazer teatral com nações europeias em diferentes períodos. Nestes, percebemos a influência mais significativa de países como Portugal, Espanha, Inglaterra, Itália e França. No Brasil, dramaturgos, encenadores e obras estrangeiras começaram a dividir os palcos com as diversas camadas de profissionais do teatro nacional, porém o registro destas memórias permaneceu, em sua grande maioria, circunscrito à região Sudeste do país. Sabe-se que este movimento possuía ligações umbilicais com um sistema político interno, arregimentado por relações de poder e, conseqüentemente, visando a supressão e o silenciamento de outros protagonismos da cena teatral.

Ao revisitar a história do teatro no Brasil, percebemos a presença de historiadores literários durante o século XIX e início do século XX que, partindo de uma perspectiva nacionalista, contribuíram para a produção de trabalhos historiográficos tendo como foco a questão textual. Deste período destacam-se José Veríssimo (1857-1916) e Sílvio Romero (1851-1914). Ressalta-se, também, que no início do século XX a historiografia teatral brasileira começa a exibir outros contornos, ainda que suaves, por meio da obra “O Theatro Brasileiro” (1904), de Henrique Marinho. Leite (2013) aponta que:

No caso específico do teatro, arte híbrida por excelência, pelo menos em sua dimensão cênica, dissociada da literatura dramática, devemos ao jornalista e historiador fluminense Henrique Marinho o primeiro trabalho digno de menção, lançado em 1904 e chamado O Theatro Brasileiro. Antes dele, conforme deixamos sugestionado, o teatro era estudado “apenas” como dramaturgia, inserido de forma desigual em estudos dedicados à literatura nacional, muito mais atentos a gêneros como o romance e a poesia (LEITE, 2013, p. 06).

A partir de 1920, surgem outros trabalhos importantes voltados à análise da história teatral na perspectiva de autores como Carlos Süsskind de Mendonça e Laffayette Silva, que nos direcionam para além da crítica literária. Nas décadas seguintes, com o processo de modernização do teatro brasileiro influenciado pelas vanguardas europeias, José Galante de Sousa torna-se fonte irremediável para diversos outros trabalhos a partir de 1960, com a obra “O teatro no Brasil”. De acordo com Ferreira (2019):

Nos campos das artes visuais, música e literatura, o período moderno ganhou destaque a partir de 1922 com a Semana de Arte Moderna. O teatro, segundo a tradição crítica produzida no sudeste brasileiro, apesar de tentativas ainda incipientes só conseguiu inaugurar essa nova etapa a partir da estreia de Vestido de Noiva, em 28 de dezembro de 1943, de Nelson Rodrigues, com a encenação de Ziembinski, polonês que buscou abrigo no Brasil, durante sua fuga da Segunda Guerra Mundial, e a cenografia de Santa Rosa. O espetáculo realizado pelo grupo Os Comediantes, precursores do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), representou o início de uma nova história para o teatro brasileiro (FERREIRA, 2019, p. 09-10).

Almeida (2016) assinala que, além de José Galante de Souza, nomes como Décio de Almeida Prado (1917-2000), com “História concisa do teatro brasileiro” (1999) e “Teatro brasileiro moderno” (1998), e Sábato Magaldi (1927-2016), com “Panorama do teatro brasileiro” (1962), entre outras obras, realizaram sólidas contribuições para a história do teatro brasileiro ao produzirem materiais de cunho didático, sendo sua leitura indispensável para qualquer pesquisador que permeie este importante seguimento histórico.

Esses dois autores modelaram a narrativa, tornada, mais tarde, oficial, pelas escolas de graduação e pós-graduação em teatro. Uma história centrada no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, linear, construída a partir dos valores europeus impostos para cena e muito influenciada pelo projeto de "modernização" a partir dos valores estéticos europeus vigentes. Eles contam nossa história procurando construir uma linha evolutiva, que se coaduna com a história ocidental do teatro, centrada no eixo Rio-São Paulo, e que caminha progressivamente para a modernização do teatro, atribuindo marcos fundamentais para explicitar essa movimentação, e (exceto no caso de Martins Pena) defendendo a necessidade de um afastamento das formas populares, folclóricas, medievais e do início da era moderna. Produzida no interior da Universidade de São Paulo, esta historiografia está vinculada a um projeto de Brasil, principalmente calcado em seu "aburguesamento" nos anos 1940, 1950 e 1960 (ALMEIDA, 2016, p. 01-02).

Com o surgimento dos primeiros departamentos de Artes Cênicas nas instituições de ensino superior brasileiras, pesquisadores como João Roberto Faria, Tânia Brandão e Rosângela Patriota têm realizado contribuições críticas acerca do processo de construção da história do teatro brasileiro, “em abordagens que analisam nosso passado cênico não como uma sequência de obras, fatos e dados, previamente determinados, mas como uma linguagem, isto é, como um discurso por detrás do qual subjazem inúmeros interesses” (LEITE, 2013, p. 06).

Numa tentativa de contribuir para a escrita de outras historiografias teatrais, sobretudo a partir de uma perspectiva que permeie outros espaços, culturas e contextos, e com isso fazer emergir personagens e memórias subterrâneas que promovam deslocamentos aos estudos historiográficos do teatro na atualidade, é que surge a possibilidade, senão a necessidade, de construir outros olhares. A esse respeito referimo-nos ao fazer teatral para além dos limites político-geográficos que estabeleceram a região Sudeste brasileiro como o centro cultural pulsante do país.

Acerca disso Bezerra (2018) se propõe a refletir sobre a temática da escrita da história do teatro brasileiro, e se pauta na experiência com a pesquisa documental, procurando debater, também, o uso de fontes e seu lugar na historiografia:

Os livros de história e historiografia teatral brasileira, quando surgem, se dedicam a espaços urbanos historicamente eleitos como centro irradiadores de formas, gêneros e gostos. Surge, aqui, portanto, a necessidade de se problematizar as relações de poder presentes nesses espaços de produção intelectual. Quando um historiador se coloca nesse lugar de fala e toma o seu lugar para produzir um discurso totalizante ou monumental, ele assume uma postura de poder. É necessário, portanto, nos estudos históricos

contemporâneos sobre o teatro no Brasil questionar essas posturas e espaços de produção intelectual (BEZERRA, 2018, p. 383).

No sentido de contribuir para a escrita historiográfica teatral e introduzir a produção intelectual dos espaços deixados à margem no cenário nacional, e ainda para a instauração de outros olhares e possíveis discussões, este artigo versa sobre parte da história e os conflitos, pontuais e adjacentes, em torno da construção do Território Federal do Amapá (TFA), para a compreensão de sua formação social, política e cultural no período 1940-1950, a partir do teatro e outras manifestações artísticas que tangenciaram o Cine Teatro Territorial de Macapá - AP, importante espaço político e cultural, ainda pouco explorado por meio da historiografia teatral.

Para a escrita deste artigo tomamos como fonte bibliográfica alguns trabalhos que permitam o conhecimento da formação histórica, social e identitária do Amapá, entre eles destacam-se Fernando Rodrigues Santos² e Manoel Azevedo de Souza³; e ainda, como fonte documental o Jornal Amapá, disponível no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Prof.^a Elcy Lacerda situada em Macapá – AP. Sobre esse periódico, temos a seguinte informação:

O Jornal Amapá foi o periódico amapaense que atingiu a mais longa duração na fase de território federal. Foram 1479 edições entre os anos de 1945 a 1968 e mesmo considerando que, de um modo geral, o Jornal Amapá pouco apresentava em relação aos aspectos críticos, visto que predominava o informativo, o opinativo e o entretenimento, há de se reconhecer que, do ponto de vista da informação foi responsável por uma maior divulgação do Amapá tanto no cenário regional quanto nacional (SOUZA, 2016, p. 17-18).

Coelho (2004) afirma que o Jornal Amapá, instrumento do Serviço de Imprensa e Propaganda (SIP), responsável pela divulgação dos atos do governo e informações de interesse público, com edição semanal e contendo entre quatro e oito páginas, “esteve submetido diretamente aos interesses do governo e representou, ainda, o modo de fazer política instaurado no TFA: a privatização da coisa pública, transformando a ação do Estado em beneplácito do chefe do executivo” (p. 149).

É importante ressaltar que para a utilização do jornal, como fonte documental histórica, é necessário que se compreenda o cenário sócio-político em que circulava, assim deve se levar em conta a identificação dos personagens que protagonizam os produtos ali veiculados e para qual público é direcionado, pois o meio jornalístico é também um lugar de poder e serve a determinados personagens que acabam por estruturar os registros, de acordo com seus interesses políticos, construindo, assim, uma memória histórica.

² Graduado em História pela Universidade Federal do Pará-UFPA e Pós-Graduado em História Social e Cultural da Amazônia pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. Professor de história na rede estadual de ensino de Macapá-AP.

³ Graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará (1982); Especialista em Educação pela Fundação Getúlio Vargas (1990); Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Amapá (2011) e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2016). Professor adjunto da Universidade Federal do Amapá e membro da Academia Amapaense de Letras.

Primeiramente, enquanto “produto social”, isto é, como resultado de um ofício exercido e socialmente reconhecido, constituindo-se como um objeto de expectativas, posições e representações específicas. As notícias, os fatos selecionados serão entendidos e recuperados, então, não enquanto situações que “realmente” aconteceram e cuja veracidade iremos comprovar, mas antes enquanto situações plenas de significação, sendo nesse sentido mais relevante apreender como se produziram, difundiram e repercutiram às vezes diversas interpretações de um mesmo fato do que buscar uma concepção única, onde operaria uma síntese empobrecedora das diferentes visões (SCHWARCZ, 1987, p. 15-16).

A escolha da região amapaense advém da necessidade pessoal e profissional deste pesquisador, que tem desenvolvido estudos no sentido de visibilizar as singularidades do fazer teatral local e seus possíveis diálogos com outras culturas, tendo em vista a enorme riqueza cultural, ainda silenciada pela historiografia tradicional, além de contribuir para a produção de material didático em torno da história do teatro no Amapá, ainda muito carente nas prateleiras das bibliotecas e bases de dados virtuais.

Amazônia amapaense: contextos sociais, políticos e culturais

A Amazônia amapaense corresponde ao estado federativo do Amapá, situado no extremo Norte do Brasil, região amazônica, e faz fronteira, ao norte, com a Guiana Francesa e o Suriname, e ao sul com o estado do Pará, do qual foi membro até 13 de setembro de 1943, quando fora desmembrado e elevado a condição de Território Federal do Amapá, perdurando até o ano de 1988, quando, com a promulgação da constituição cidadã, o então território é elevado a estado federativo, condição essa que perdura até hoje.

Ao ser criado o Território Federal do Amapá em 1943, não obstante a tentativa de colonizar e promover a autonomia da região fosse remota, tudo estava para ser feito e acontecer no campo da modernidade para que o homem amapaense começasse a desfrutar de benefícios mínimos inerentes a época. Inexistia saneamento e produção agrícola diversificada que atendesse a demanda interna. O ensino tentava apenas alfabetizar, enquanto a assistência médica era precaríssima. Num espaço de 143.716 Km² inóspito, insalubre e isolado geograficamente do resto do país, vivia aproximadamente 21.491 habitantes concentrados nas sedes dos municípios de Macapá, Amapá, Mazagão e lugarejos próximos, às margens dos rios, lagoas e igarapés, a quase totalidade em situação de penúria, doentes, analfabetos e explorados pelo coronelismo interno (SANTOS, 1998, p. 15).

Ressalta-se que a criação do TFA, como também outros territórios federais, ao longo de regiões fronteiriças no Brasil, tratava-se de articulações políticas no intuito de proteger as fronteiras diante de perigo iminente a possíveis invasões. No caso específico da região amapaense, foi devido a uma aproximação entre Estados Unidos e Brasil que, logo no início da segunda guerra mundial

(1939-1945), formou uma aliança contra os países do eixo, Alemanha, Itália e Japão. Neste período, o presidente Getúlio Vargas cedeu parte do território nacional, área litorânea das regiões Norte e Nordeste, para a construção de Bases Aeronavais Norte-americanas, tendo como objetivo a instalação de bloqueios e entrepostos para os aviões e navios americanos.

A região do Amapá, logo após ser desmembrada do estado do Pará, transforma-se em TFA e recebe seu primeiro governador, à época, escolhido pelo então presidente Getúlio Vargas, o paraense Janary Gentil Nunes, oficial militar formado pela Escola Militar do Realengo no Rio de Janeiro-RJ.

Na preferência do ditador pela sua pessoa (Janary Gentil Nunes), contaram méritos militares, o fato de ainda não haver exercido função civil e o amplo conhecimento da região que iria governar. Havia em 1940, inclusive comandado a guarnição denominada Pelotão Independente de Fronteiras, sediada em Oiapoque, nos limites do Brasil com a Guiana Francesa. No momento da nomeação, em 27 de dezembro de 1943, comandava a 1ª Companhia Independente de Metralhadoras Antiaéreas, que organizou, sediada em Belém, no Estado do Pará e servia como oficial de ligação entre as tropas brasileiras e norte-americanas sediadas nessa capital (SANTOS, 1998, p. 28-29).

De acordo com Santos (1998), “seu estilo de governar e fazer política originou o ‘janarismo’, período político-administrativo marcado, sobretudo pela dicotomia entre discurso e prática, refletido pela ausência de grandes modificações no quadro socioeconômico” (p. 15), até o ano de 1964, quando o Brasil entrou em um regime militar que, por configurar um governo autoritário, descentralizou muitas decisões unilaterais do governador e de seus sucessores.

Lobato (2018) ressalta que as diretrizes janaristas permaneceram em curso, mesmo após seu afastamento do governo com duração de doze anos. Em 1º de fevereiro de 1956, Janary foi nomeado para o cargo de presidente da Petrobras e que, mesmo assim, nos anos que se sucederam, “procurou evidenciar que o dia 25 de janeiro de 1944, data de sua posse, foi um marco histórico que dividiu em dois momentos radicalmente distintos a história das populações do TFA” (LOBATO, 2018, p. 07).

Macapá, quando foi instalado o Governo do Território do Amapá, apresentava aspecto de ruína [...]. Hoje há um sentido de renovação em todos os setores das atividades públicas e particulares. Os primeiros funcionários que aqui aportaram sentiram a falta de acomodações, mas o Governador o Sr. Janary Nunes, atacou o problema dando o início, desde logo, à construção de uma vila de casas de madeira, simples, porém confortáveis, destinadas aos servidores do Território (JORNAL AMAPÁ, 04 ago. 1945).

A figura de Janary e sua política, por vezes controversa, é bastante recorrente ao longo da história amapaense. Apesar de seu governo autoritário, sua proximidade com o povo lhe rendeu muita popularidade e garantiu sua permanência no cargo, em tempos de extremas transformações no cenário governamental dos territórios federais à época. Acerca disso, vejamos parte do pronunciamento do Senador Randolfe Rodrigues (PSOL - Partido Socialismo e Liberdade/AP), proferido dia 01/03/2012 na tribuna do Senado Federal em menção a figura de Janary Nunes como

personalidade importante “não só para a formação da história do Amapá, mas também, e em especial, para a formação da história amazônica” (on-line).

Janary governou o Amapá numa época em que não havia televisão, em que não existia o chamado *marketing*, que hoje conhecemos. Mas ele, mesmo sendo militar, teve a perspectiva de governar no contato direto com o povo. É conhecida no Amapá a história de Janary em que, certa vez, estava na residência oficial e saiu. A sua esposa, no retorno dele, perguntou porque ele tinha saído tão tarde, e ele informa que Julião Ramos, claro amigo dele, estava acometido de uma doença e ele tinha ido lá prestar-lhe os primeiros socorros. Essa era uma característica que distinguia, primeiramente, esse amapaense, esse amazônida. Sem nenhum exagero, posso afirmar que Janary representa para o Amapá uma figura tão importante quanto Juscelino foi naquele período dos anos 1950 (BRASIL, 2012, on-line).

Outra prioridade durante o governo de Janary foi elevar a importância da educação, no intuito de despertar nos mais novos, nas crianças, o interesse por reelaborar a cultura e as relações sociais locais que até então permaneciam arraigadas em um conservadorismo generalizado. O baixo nível escolar e o pouco conhecimento acerca de hábitos mais saudáveis, sejam em relação ao próprio corpo e saúde, sejam em relação a forma de trabalho, que predominava entre os amapaenses se colocava como empecilhos ao seu estilo de governar. Era preciso reverter esse quadro para que se gerasse uma sociedade mais receptiva aos seus comandos, uma sociedade mais controlável.

No Amapá ela, a educação, terá de intervir em todos os setores de atividades: alfabetizando, porque se aprender a ler e contar não constitui sua finalidade, é, pelo menos, o processo inicial mais necessário para atingi-la; divulgando as regras higiênicas e sanitárias e criando a mística do caboclo sadio para combater o conformismo à doença; executando processos novos de cultura da terra, de assistência à criação; de organização administrativa e social; lutando contra o nomadismo, a casa miserável, a família sem tradição, o pauperismo; pregando a fixação ao solo e exemplificando com fatos a possibilidade de ser feliz na cidade ou no interior; propagando o dever de satisfazer os compromissos comerciais, o instinto da economia e o amor ao trabalho; ensinando a alimentação, o vestuário, o exercício, a alegria, o conforto, a crença; incutindo em cada indivíduo a noção de que pertence à coletividade brasileira; difundindo as diretrizes da geopolítica nacional de forma simples e acessível para que se tornem cogitação popular; plasmando a ânsia de melhorar seu corpo, sua família, sua pátria. Para atender a tantas imposições do meio, a escola não poderá ser somente a sala onde se ministra a aula, mas também o lar, a igreja, o campo agrícola, a floresta, o posto médico, a praça de esportes, as vias de comunicação, os meios de transporte, a oficina e a casa de comércio, o rádio, o teatro, o cinema, a biblioteca pública, as associações profissionais e beneficentes, enfim, se estende a todos os ambientes da vida regional (NUNES, 1947, p. 01).

O Departamento de Educação e Cultura acumulava as seguintes unidades: Serviço de Coordenação; Serviço de Ensino Primário e Profissional; Colégio de Macapá; Biblioteca e Arquivo Público; e o Cine Teatro Territorial, um dos espaços culturais e educacionais de maior prestígio à

época, e sinônimo da chegada da modernidade, no início do período territorial, situado em Macapá, capital do TFA. De acordo com Souza (2016):

Construído pelo governo territorial, o Cine teatro Territorial (1946) era uma espécie de espaço representativo, característico da modernidade que chegava ao Amapá. Com capacidade para 280 pessoas, o local proporcionou à comunidade assistir as primeiras sessões cinematográficas de longa-metragem com os principais filmes comerciais da época. Além de filmes, também eram ali apresentadas peças teatrais e shows com artistas locais como: Nonato Leal, Aymorezinho, Sebastião Mont'Alverne, dentre outros, e de artistas nacionais renomados da época como: Luiz Gonzaga, Ângela Maria, Dalva de Oliveira, Ademilde Fonseca, dentre outros (SOUZA, 2016, p. 222-223).

Figura 01: Cine Teatro Territorial de Macapá (1946).



Fonte: Jornal Amapá, 24 de junho de 1947.

O Cine Teatro Territorial foi palco, além das exibições cinematográficas e apresentações teatrais, para inúmeros eventos capitaneados pelo governador Janary Gentil Nunes. De acordo com o Jornal Amapá, de 09 de março de 1946, o primeiro filme longa-metragem a ser exibido no cinema de Macapá foi: 'Um Barco e Nove Destinos', tendo como protagonista a atriz Tallulah Bankead:

No palco na tela

Trata-se de uma história emocionante, desenrolada em pleno Oceano Atlântico, através do qual viajava, durante o passado conflito bélico, um comboio aliado, que se viu, impiedosamente, atacado por um submarino nazista. Um dos barcos que compunha aquele submergiu imediatamente, porém a sua artilharia conseguiu alvejar o corsário, sepultando-o no fundo das águas. Daí por diante, ocorreu a odisseia de nove pessoas que lograram salvar-se, inclusive o comandante do submarino, o qual, ao ser posto na direção do bote tentou afastá-lo a um ponto em que se encontrava um navio de abastecimento germânico, sendo entretanto, lançado ao mar. Vagando a mercê das ondas, os sobreviventes foram até a dita nave, forçados pela circunstância, mas um *destroyer* norte-americano chegou a tempo de evitar o seu aprisionamento, forçando-o às profundezas do abismo. É esse um dos aspectos principais da película, que nos apresentou Tallulah Bakead no

papel da correspondente de guerra, habilmente desempenhada. O filme, apesar de monótono e mais aconselhável as plateias cultas, obteve pleno sucesso nas suas exibições no Rio e em São Paulo, devido principalmente ao tema focalizado e a boa direção. Assim, o público terá ocasião de assistir a espetáculos a altura do meio em que vivemos, não sendo isso apenas um atrativo ou uma diversão, mas um índice acentuado de progresso (JORNAL AMAPÁ, 09. mar. 1946) ⁴.

No tocante às apresentações teatrais ocorridas no Cine Teatro Territorial, destaca-se como um dos primeiros grupos a se apresentar a Companhia Teatral Guajarina, de Belém-PA. De acordo com o Jornal Amapá (1946):

Companhia Teatral Guajarina

Encontra-se nesta capital, tendo viajado a bordo do iate ‘São Raimundo’, a Companhia Teatral Guajarina, de Belém do Pará, e que obedece a direção dos srs. Otacílio Madeira e Dempsey Leite. Oito artistas formam o conjunto visitante, entre os quais alguns sulinos, que atuaram no ‘Coliseu’, resolvendo depois ficar na capital paraense. Hoje a Companhia Guajarina fará sua estreia, com o empolgante drama ‘Felicidade Perdida’, em 3 atos, seguindo-se de um ato de variedades (JORNAL AMAPÁ, 12. jan. 1946).

Mario Ribas, editor do caderno Arte e Teatro do Jornal Amapá, apesar de afirmar não possuir formação específica na área, e se colocar apenas como espectador, nos apresenta suas considerações de forma crítica sobre a estreia da Companhia Guajarina no Cine Teatro Territorial:

Estréia da Companhia Guajarina

Assistimos a estréia da Troupe Guajarina e, sinceramente, ficamos magnificamente bem impressionados com a lança em Africa (para não empregar <o tour de force>, francês) dos animados e corajosos moços da Companhia do nosso estimado e inteligente Dempsey-Picolé. O autor destas linhas não é um técnico de Teatro, nem tão pouco se considera um crítico teatral. Mas, desta vênica, quer com seu aplauso publico, dar aos referidos rapazes do Teatro Regional uns conselhos também publicos no unico intuito de vê-los progredir e melhorar na interessante e bela profissão de atores teatrais. Si esses nossos atores conseguissem falar no tom natural da voz humana, em vez de empregarem enfases falsas do velho estilo dramalhão, seria o ideal. Eles o conseguirão muito breve, estou certo disso. No elenco da Companhia Guajarina, além de Dempsey, ator cem por cento, que faria boa figura em qualquer palco, já no gênero cômico, já no gênero dramático, ha outros elementos excelentes que, se estudarem e forem coerentes e modestos, se tornarão com pouco tempo otimos comparsas da cena. Acresce que é esta a primeira Companhia que traz no seu elenco um corpo de mulheres que fêz, logo de estréia, boa figura no palco, com alguns defeitos de apresentação, é claro, mas que se perdôam e se explicam quando se conhece os fatores que impedem, em nosso teatro, cousa melhor. Parabéns Troupe Guajarina (JORNAL AMAPÁ, 19 jan. 1946).

As transformações arquitetônicas do espaço na cidade de Macapá, a partir da criação do TFA, percebida nos prédios, praças e comércios, concentrava no Cine Teatro Territorial a fusão da nova

⁴ Nas citações retiradas de periódicos, optou-se pela grafia da época.

arquitetura da época. Essa modernidade não ficava totalmente restrita a uma parte da população, sendo de interesse do governo territorial a inclusão de todas as classes sociais, mesmo que fosse em uma escala reduzida. Isso acontecia por meio de uma estrutura de acessibilidade, a partir de uma redução do ingresso em determinado dia da semana. Esta iniciativa fazia parte da política governamental, que se preocupava em utilizar o espaço, também, para difundir a educação e os bons costumes, desde as crianças até os adultos.

Comentário da Semana

O Cine Teatro Territorial de Macapá, localizado em um edifício moderno com linhas arquitetônicas admiráveis, após contrato assinado com a *Twenty Century Fox*, vem exibindo ótimos filmes, tornando-se o centro de diversão mais frequentado da cidade. Dotado de dois moderníssimos projetores Zeiss com som fidelíssimo, prodigaliza a todos um espetáculo que nada deixa a desejar ao mais intransigente espectador. O salão com capacidade para 280 cadeiras confortáveis apropriadas, com cortinas luxuosas pendentes às janelas e à abertura do palco, dão, juntamente com a beleza arquitetônica, um aspecto de bom gosto e distinção - aliás, necessários numa casa de diversão - que raramente se vê num cinema das capitais do extremo norte do Brasil. É com alegria que observamos o operário, o agricultor, o criador, o comerciante, o escrivão, etc, nos seus 'bate-papos' cotidianos, aludindo ao filme e ao seu fundo moral, elogiarem mais essa iniciativa que diverte e que educa. Pelo cinema, e com filmes apropriados e educativos, não só a criança se educa mas um povo. E o povo de Macapá, a pouco a pouco, vai sendo educado porque a, acessibilidade do preço da entrada assim o permite. Nota-se, também, que o operário, em qualquer filme, dispendioso ou não, tem a sua sessão especial assegurada, às quintas-feiras pelo preço de Cr\$ 3,00. Também as crianças tem uma vespéral especial, desde que o filme não seja impróprio e prejudicial aos bons costumes que, diariamente, vem aprendendo nas escolas. Este é mais um aspecto de como funciona a Democracia em Macapá (JORNAL AMAPÁ, 06 abr. 1946).

De acordo com Souza (2016, p. 140), “a narração dos espaços dá sentido à história e a memória dos lugares, pois se consegue resgatar aquilo que é essencial na construção de qualquer lembrança, de qualquer memória de cidade, que é a sua singularidade”. Assim, evidenciando-se os pequenos detalhes de cada espaço e sua forma de apropriação pelos agentes sociais que ali estabeleceram suas relações, podemos compreender melhor como se deu o processo de construção histórica.

É importante se atentar que, apesar da ação democrática de inclusão e acessibilidade às classes operárias, a modernidade descrita acerca do espaço físico e a reduzida oportunidade em frequentá-lo, pelos mais pobres, de longe, leva a entender que o Cine Teatro Territorial seria um espaço direcionado à elite amapaense. Evidencia-se que o espaço de diversão da cidade servia também com mais uma forma de educar moral e civicamente, das crianças aos adultos.

Figura 02: Plateia do Cine Teatro Territorial de Macapá.



Fonte: Acervo Histórico do Amapá.

Acerca dos filmes veiculados no Cine Teatro, ressalta-se que, devido ao contrato estabelecido com a *Twenty Century Fox*⁵, e é claro devido ao cenário político de aproximação do Brasil com os Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), eram muito frequentes as exhibições de produções cinematográficas norte-americanas, não somente em Macapá como em outras cinemas nacionais.

Figura 03: Divulgação de sessão cinematográfica



Fonte: Jornal Amapá, 29 de julho de 1946.

Além de produções cinematográficas e espetáculos teatrais, o Cine Teatro Territorial também era palco para eventos cívicos, comemorativos e encontros políticos para pronunciamentos do governo e recepção de outras autoridades. Entre os eventos comemorativos era possível a realização

⁵ Criada em 1935, a partir da fusão de *The Twentieth Century* e *Fox Film Corporation*, é um estúdio de cinema americano dentro de *Walt Disney Studios*, que por sua vez pertence a *The Walt Disney Company*. Disponível em: <https://exame.com/negocios/para-se-afastar-de-trump-disney-tira-o-nome-fox-do-estudio-20th-century/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

do encerramento com apresentações teatrais e sessões cinematográficas, por vezes gratuitas, como durante a comemoração do centenário de nascimento da Princesa Izabel.

Os festejos comemorativos do centenário de nascimento da Princesa Izabel

O povo do Território, imbuído de sadio entusiasmo cívico, homenageou a Princesa Izabel no dia em que decorreu o primeiro centenário de seu nascimento, relembrando o papel inolvidável que lhe coube no sentido da libertação dos escravos no Brasil. Às 8 horas do dia 29, em frente ao Grupo Escolar, verificou-se a cerimônia de hasteamento do pavilhão nacional ao som do Hino Brasileiro, seguindo-se uma peroração cívica feita pela professora Maria Lucia Sampaio Brasil, diretora do estabelecimento que sintetizou a repercussão do notável episódio da Abolição no cenário da nossa História. Às 15 horas, desfilaram pela praça de esportes da Matriz os escoteiros da Associação Veiga Cabral e os escolares, acompanhados de seus respectivos professores, além dos grêmios esportivos locais de Macapá, Amapá e Rio Branco, tendo a preceder-las as flâmulas e estandartes e obedecendo a direção técnica do sgt. Irineu Gama Pais. Por essa ocasião, o sr. Pedro Neves filmou aspectos para a nova película sobre o Território. À noite, efetuou-se a concorrida sessão cívica, no Cine Teatro Territorial, presidida pelo dr. Raul Montero Valdez, secretário geral, que se encontrava ladeado por outras autoridades e pessoas gradas. S. Exc. Concedeu a palavra ao orador oficial, dr. Aderbal de Oliveira Melo, que proferiu judiciosa palestra acerca de Izabel, a Redentora, focalizando a influência de seu nome num dos mais empolgantes acontecimentos do Segundo Império, a extinção da escravatura e as qualidades morais que definiam seu caráter resoluto e benigno coração. Após o encerramento da solenidade, o público foi brindado com uma sessão cinematográfica (JORNAL AMAPÁ, 03 ago. 1946).

Figura 04: Divulgação de evento comemorativo ao centenário da Princesa Izabel.



Fonte: Jornal Amapá, 27 de julho de 1946.

A presença de estudantes no palco do Cine Teatro Territorial era marcada por meio de apresentações teatrais, entre elas o Jornal Amapá relatou a comemoração do dia 13 de setembro de 1946, data em que se festejou o terceiro ano de criação do TFA:

A sessão cívica do dia 13 de setembro

No dia 13 de setembro, data comemorativa da criação dos novos Territórios Federais, realizou-se uma sessão cívica, no Cine Teatro Territorial a qual teve a presidência o governador interino, dr, Raul Montero Valdez. S. Exc. Proferiu nessa ocasião, um vibrante discurso, fazendo um esboço dos fatos que precederam a instalação dos governos do capitão Janary Gentil Nunes, mencionando os inúmeros empreendimentos com que tem dotado a terra amapaense, através de suas cidades, vila, povoações e lugarejos; da educação e cultura do povo; do incremento da agricultura, da pecuária, das comunicações, transportes e obras públicas. Em seguida, foi levado a efeito um atraente programa teatral, no qual tomaram parte alunos do Grupo Escolar de Macapá (JORNAL AMAPÁ, 21 set. 1946).

Considerações finais

Constituir outros olhares acerca da historiografia teatral, no intuito de torná-la, realmente brasileira, no sentido literal da palavra, isto é, fazer emergir outros contextos, memórias e culturas de regiões, até então, silenciadas pela historiografia teatral tradicional, requer muito esforço e dedicação. Em diálogo com Oliveira et al. (2009, p. 09): “em vez de continuarmos com um antigo lamento de como é pouca a literatura sobre a História da Região Amazônica e do Amapá, por que então, não as produzimos”, percebemos o quanto há para se pesquisar, escrever, refletir a partir da memória e história que nos foi concedida e, principalmente, diante daquelas que ainda não nos foi confiada.

Durante essa trajetória investigativa, percebemos uma quantidade de materiais bibliográficos e documentais que merecem ser revisitados e interrogados no intuito de extrair memórias e histórias relegadas à invisibilidade. A esse respeito, trouxemos para diálogo os autores Fernando Rodrigues Santos e Manoel Azevedo de Souza, que possuem trabalhos bem aprofundados acerca da história do Amapá e sua formação social e identitária, respectivamente, e, ainda, trechos do Jornal Amapá, um dos mais importantes veículos de comunicação, no período do TFA. Sendo que, para a construção deste artigo, nos centramos em acessar um pouco sobre as produções cinematográficas, os eventos cívicos comemorativos e apresentações teatrais, que tangenciaram o Cine Teatro Territorial no ano de sua fundação, 1946.

Foi possível perceber que o processo de formação do TFA esteve atrelado ao período histórico vivenciado, tendo como pano de fundo as ressonâncias da Segunda Guerra Mundial, aproximação entre Estados Unidos e Brasil, e deste o desejo em proteger as áreas fronteiriças de possíveis ataques do movimento nazifascista, configurando-se, assim, em uma estratégia política defensiva e autoritária do governo Vargas. Percebemos também o perfil militar e populista de Janary Gentil Nunes, que em muito se aproximava do getulismo, o primeiro governador do TFA que, entre outras ações, contribuiu para a construção do Cine Teatro Territorial, o signo da modernidade que chegara em Macapá.

Acerca do Cine Teatro Territorial, a partir do Jornal Amapá, registrou-se variados tipos de ocupações e perfis sociais que ali circularam, sugerindo certo privilégio de um público elitizado, uma

vez que para aqueles pertencentes às classes sociais mais carentes era reservado somente um dia na semana. Ressalta-se, aqui, a exibição de filmes, pronunciamentos, comemorações cívicas e apresentações teatrais de cunho educativo e pertinentes à divulgação e manutenção da moral e bons costumes.

Ao longo deste artigo, que não pretendeu esgotar por completo todas as possibilidades de discussão sobre o contexto social, político e cultural com ênfase no teatro realizado no Território Federal do Amapá, visto que se trata de um dos braços da pesquisa de doutoramento deste pesquisador, surgem diversas indagações e lacunas acerca do que representou a chegada do Cine Teatro Territorial em Macapá. Seria mesmo um símbolo da modernidade? O que seria essa modernidade no contexto local e para além das fronteiras? Essa significação de modernidade era realmente esperada e compartilhada de maneira equânime entre os amapaenses? Haveriam outros espaços culturais que incluíssem mais facilmente as classes sociais menos favorecidas? A escolha das produções cinematográficas e apresentações teatrais possuía algum tipo de relação política com as diretrizes governamentais da época?

É a partir dessas novas perspectivas, e ainda outras indagações, que surgem por meio deste artigo, que daremos prosseguimento à trajetória de pesquisa nos trabalhos que se seguirão, tendo como principal objetivo fazer emergir memórias e histórias que subsidiem o fortalecimento do teatro na/da Amazônia, sua relevância e contribuição para a história do teatro brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago Herzog de. Os desbravadores: as concepções de história, teatro e brasilidade em Hermillo Borba Filho e Néelson de Araújo. In: **Anais** da ANPUH – XVII Encontro de História. Rio de Janeiro, 2016, p. 01-10. Disponível em: <<https://tinyurl.com/yctpaacu>>. Acesso em: 29 maio 2020.

BEZERRA, José Denis de Oliveira. A escrita histórica do teatro: reflexões sobre o fazer historiográfico. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, [S. l.], v. 3, n. 33, p. 378-388, nov. 2018. ISSN 2358-6958. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y8mf3gp7>>. Acesso em: 29 maio 2020.

BRASIL, Senado Federal. **Pronunciamento de Randolfe Rodrigues em 01/03/2012**. Brasília-DF. Disponível em:< <https://tinyurl.com/yclhz49f>>. Acesso em: 29 maio 2019.

COELHO, M. C. De caboclo a brasileiro: Estado e nacionalidade no território federal do Amapá. **Saeculum – Revista de História**, n. 10, 31 jul. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/issue/view/10>>. Acesso em 30 maio 2020.

FERREIRA, Frederico de Carvalho. Memórias teatrais nas cidades de Amapá/AP e Belém/PA: a presença norte-americana durante a 2ª guerra mundial (1939-1945). In: **Anais da ANPUH – 30º Simpósio Nacional de História**. Recife, 2019, p. 1-15. Disponível em: < <https://tinyurl.com/ya6t4rc8> >. Acesso em: 29 maio 2020.

LEITE, Rodrigo Morais. **A Formação da Historiografia Teatral Brasileira (1888-1938): Consonâncias e Dissonâncias**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2013. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y8os7vge>>. Acesso em: 29 maio 2020.

LOBATO, Sidney. Educação e desenvolvimento: inflexões na política educacional amapaense (1944-2002). **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 23, 2018. Disponível em: <<https://tinyurl.com/y8wk74fa>>. Acesso em: 30 maio 2020.

NUNES, Janary Gentil. **Educação**. Amapá, Macapá, n. 109, p. 01, 19 abr. 1947.

OLIVEIRA, Augusto et al. **Amazônia, Amapá: escritos de História**. Belém: Paka-Tatu, 2009.

SANTOS, Fernando Rodrigues. **História do Amapá: da autonomia territorial ao fim do janarismo**. Macapá: Editora Gráfica O Dia, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Retrato em branco e preto: **jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Manoel Azevedo de. **Imagens, memórias e discursos: a construção das identidades amapaenses no Jornal Amapá – 1945 a 1968**. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, 2016. Disponível em: < <https://tinyurl.com/y8yg7jdx>>. Acesso em: 29 maio 2020.

Periódicos

Jornal Amapá/AP

S/A. Sem título. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, n. 20, 04 ago. 1945, p. 02.

S/A. No palco na tela. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, n. 51, 09 mar. 1946, p. 02.

S/A. Companhia Teatral Guajarina. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, n. 43, 12 jan. 1946, s/p.

RIBAS, Mário. Estréia da Companhia Guajarina. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 01, n. 44, 19 jan. 1946. Arte e Teatro, p. 02.

S/A. Comentário da Semana. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n. 55, 06 abr. 1946, p. 02.

S/A. Os festejos comemorativos do centenário de nascimento da Princesa Isabel. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n. 72, 03 ago. 1946, s/p.

S/A. A sessão cívica do dia 13 de setembro. **Jornal Amapá**, Macapá, ano 02, n. 79, 21 set. 1946, s/p.

Sites

RIVIERA, Carolina. Para se afastar de Trump, Disney tira o nome “Fox” do estúdio 20th Century. **Exame**, 2020. Disponível em: <https://exame.com/negocios/para-se-afastar-de-trump-disney-tira-o-nome-fox-do-estudio-20th-century/>. Acesso em: 28 jun. 2020.

SOBRE O AUTOR

Professor de Teoria do Teatro do Curso de Licenciatura em Teatro - Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutorando em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Últimas publicações: “Memórias teatrais nas cidades de Amapá/AP e Belém/PA: a presença norte-americana durante a 2ª guerra mundial (1939-1945)”. In: 30º Simpósio Nacional de História, 2019, Recife - PE. Anais do 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil, 2019. p. 01-15; “Pedagogia palhacesca: a escola do só eu no ensino regular”. Conceição/Conception revista do programa de pós-graduação em artes da UFPA, v. 6, p. 87, 2017.

E-mail: fredcarvalho@gmail.com

Recebido em: 30/05/2020

Aceito em: 09/06/2020